



UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA: NOVAS TEORIAS LINGUÍSTICAS E PRÁTICAS EFETIVAS DE APRENDIZAGEM

ALVES, Luciana Vieira¹ - UEPB
MILÂNES, Marciana da Silva² - UEPB
SILVA, Magliana Rodrigues da³ - UEPB

Subprojeto: Português

Resumo

O projeto Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco é financiado pela CAPES, está sendo desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID, na Escola Monte Carmelo, localizada em Campina Grande - Paraíba. O trabalho em questão foi resultado das reflexões feitas a partir das teorias estudadas na universidade e da nossa atuação no projeto enquanto docentes em formação. Tendo por base os documentos oficiais da educação, e os teóricos linguistas, optou-se por trabalhar a gramática em função do texto e das práticas sociais de uso da língua. O presente trabalho tem como principais objetivos: mostrar a funcionalidade da língua através dos textos e refletir sobre as práticas efetivas de uso da língua, levando-se em consideração o meio sociocultural em que o aluno está inserido. O referencial teórico está fundamentado nas contribuições de Antunes (2007), Geraldi (1997), OCEM (2006), Marcuschi (1946), entre outros. Os resultados revelam que, a partir de tal prática, é possível iniciar um trabalho em sala de aula visando uma integração entre os eixos que estruturam o ensino de língua materna: ensino de gramática, ensino de leitura, ensino de produção textual e ensino de vocabulário, o que favorece o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: PIBID; Língua; Texto; Integração; Ensino.

Introdução

O presente trabalho tem como base as reflexões feitas através da nossa atuação como docentes no projeto intitulado: *Nas Trilhas da Língua Portuguesa: o texto em foco*, realizado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID e financiado pela CAPES, que está sendo desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, localizada no bairro Bela Vista, situada em Campina Grande- PB. O projeto tem por base a indicação das OCEM, bem como dos

¹Graduanda do Curso de Letras- Língua Portuguesa. E-mail: lucianavieiracg@hotmail.com

²Graduanda do Curso de Letras- Língua Portuguesa. E-mail: marcianamilanez@hotmail.com

³Mestra em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Ensino, UFPB. E-mail: maglianarodrigues@hotmail.com

teóricos linguistas em se trabalhar a gramática em função do texto e das práticas sociais de uso da língua. Através disto, realizamos oficinas que propõem o resgate à participação e ao aprendizado dos discentes, para tanto, foram utilizados recursos atrativos relacionados ao meio em que estão inseridos.

Este trabalho de caráter analítico tem como objetivos: refletir sobre o ensino de língua através dos documentos oficiais e das teorias linguísticas, bem como através das práticas reais de aprendizagem; mostrar a funcionalidade da língua através dos textos; analisar como se dá o desenvolvimento da competência linguístico-textual em termos de escrita, leitura e compreensão de vários gêneros textuais; refletir sobre as práticas efetivas de uso da língua, levando-se em consideração o meio sociocultural em que o aluno está inserido e tendo o texto como foco; demonstrar a diferença entre língua e gramática e as repercussões no ensino.

Partindo do pressuposto de que o ensino de língua portuguesa tem adotado tradicionalmente uma postura dicotômica, pois se divide em aulas de literatura e língua, esta bipartindo-se ainda em gramática e produção textual.

Além disso, também se pode perceber que o ensino de língua portuguesa enfatiza demasiadamente o estudo da gramática tradicional, vista como um código restrito e composto de regras sintáticas, lexicais e morfológicas, que isola e distancia o estudo da linguagem da real necessidade e situações de uso dos alunos.

Neste sentido, o projeto surge a partir da necessidade de mostrar aos alunos a relação entre os conteúdos ministrados em sala de aula e o cotidiano deles, com base nas OCEM (2006) que propõem o resgate das práticas de linguagem e a utilização de textos que melhor representem a realidade dos alunos nas comunidades em que a escola está inserida.

Dessa forma, o ensino de língua portuguesa deve contemplar ações reais de uso da linguagem de modo que instrumentalize o aluno para o uso efetivo dentro das esferas sociais de comunicação com vistas não apenas para o texto escrito, mas também para outras formas de linguagem sejam elas verbais ou não verbais. Outro aspecto importante é levar para a escola textos que estão inseridos no cotidiano dos alunos a fim de mostrá-los a proximidade existente entre o conteúdo escolar e sua vida, para que eles percebam a funcionalidade das aulas de língua portuguesa e sua relevância para conquistarem um espaço na sociedade. Para a elaboração do trabalho, usamos como

referencial teórico estudioso, como Antunes (2007), Geraldi (1997), OCEM (2006), Marcuschi (1946), entre outros.

A funcionalidade da língua dada através dos textos

O trabalho com os textos nas aulas de Língua Portuguesa é uma atividade imprescindível e fundamental, e, portanto, devem ser abordados, em seus diversos tipos e gêneros, nas modalidades oral e/ou escrita. É através dos textos que podemos observar a funcionalidade da língua. Em comunhão com o que foi dito, as OCEM (2006, p.21) abordam que “[...] entender os usos da língua significa considerar os recursos e arranjos pelos quais se constrói um texto, num dado contexto”.

Visto isso, percebemos que a base de um aprendizado efetivo da Língua Portuguesa se dá através do texto, o norteador do projeto: *Nas trilhas da Língua Portuguesa: o texto em foco*, sendo este, o condutor de todos os conteúdos referentes à língua materna trabalhados em sala de aula. Assim sendo, texto é, então, aquele que emite sentido para um determinado grupo de pessoas em uma determinada situação ou contexto específico, podendo ser expresso por meio de uma palavra, frase ou um conjunto maior de enunciados.

E é por meio das práticas de leitura e escrita de textos, verbais e não verbais, que os alunos adquirem conhecimentos linguísticos, gramaticais e de mundo, pois, a partir destes aprendizados, podem usar a língua adequadamente atentando para as várias formas de uso, respeitando cada contexto social.

Tais práticas de leitura e escrita no âmbito escolar são na maioria das vezes utilizadas para o ensino da Gramática Normativa, também como pretexto para se trabalhar as tipologias textuais (Narração, Dissertação, Descrição). Como afirma Rojo e Cordeiro (2004, p. 9) “Passando o texto a ser pretexto não somente para o ensino da Gramática Normativa, mas também da gramática textual, na crença de que ‘quem sabe as regras sabe proceder”.

Dessa forma, o texto é um material utilizado apenas para proporcionar hábitos de leitura, de produção textual e de análise linguística, Sendo tomado como objeto de uso, não de ensino. Sob este aspecto a concepção abordada é a de linguagem como expressão do pensamento, resultando no estudo de aspectos da Gramática Tradicional, pois se presume que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento.

No entanto, com o advento dos estudos linguísticos, iniciaram-se novas discussões acerca do ensino de língua materna, e a partir daí começa-se a tomar o texto como suporte para o processo de ensino-aprendizagem da língua. Através disto, surge a necessidade de se modificar alguns conceitos, teorias e práticas abordadas em sala de aula como, por exemplo, a leitura que, antes era feita para extrair informações, passa a ser realizada de forma interpretativa, crítica e reflexiva. E a produção textual que visava principalmente à forma e também o conteúdo, agora atenta para o contexto e as finalidades do texto.

Esta forma de se trabalhar a língua aborda uma outra concepção, a que vê a linguagem como forma ou processo de interação e por meio dela o falante realiza ações, age e atua sobre o interlocutor.

Para se trabalhar com textos e conseqüentemente com gêneros textuais (orais ou escritos) é fundamental que se tenha em mente alguns princípios como o porquê e o para que se trabalhar. Em resposta a essas perguntas, os gêneros são essenciais para o ensino de língua por serem importantes para a comunicação verbal. Em Marcuschi (1946), aparece que “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Estes gêneros textuais são os textos encontrados em nosso cotidiano.

Sendo considerados de grande valia para o ensino de língua, por serem uma fértil área interdisciplinar, com atenção voltada para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Os textos de gêneros diversos podem dar ao estudante condições de aprimorar e aumentar a capacidade de expressão verbal em sua ampla variação idiomática. Silva (2004) afirma que trabalhar com textos de tipologias diversas e produzidos por diferentes setores da cultura nacional significa, em última análise, dar aos alunos meios e instrumentos para uma leitura plural do mundo.

Portanto, a finalidade do ensino de língua é fazer com que os alunos saibam utilizá-la adequadamente em seus vários níveis de formalidade, na escrita e na oralidade, e também permitir que estes vejam a funcionalidade da gramática e a importância de ensiná-la. É fundamental deixar o aluno falar /escrever de todas as formas, tendo como meta a organização dos textos. Essa constatação reafirma o que disse Geraldi:

A produção de textos (orais e escritos) é o ponto de partida e chegada de todo processo ensino aprendizagem da língua, [...] porque é no texto que a língua se revela na sua totalidade, quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso. [...]. (GERALDI, 1997, p.135).

Sendo assim, como resgatar a importância do ensino de língua para os alunos? E como superar essa dicotomia gramática/produção textual? Tais questões já foram levantadas e estão sendo aos poucos respondidas por estudiosos e professores que tentam trabalhar a língua de forma integrada, a leitura (interpretação), redação (produção textual), a gramática e estudo do vocabulário, pois como dito anteriormente a gramática é toda produção de sentido que se manifesta por meio de textos da língua, ou seja, tudo o que é gramatical é textual e vice-versa.

É no intuito de contribuir com a formação docente e na tentativa de responder aos questionamentos anteriormente levantados, que elaboramos o projeto PIBID: Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco. Para que através das nossas práticas efetivas de ensino, possamos mostrar que é fundamental o trabalho integrado com a língua.

Por fim, percebe-se que um ensino mais produtivo da língua está vinculado ao conhecimento de como o léxico atua na organização e produção de textos, sendo estes, o foco do processo de ensino-aprendizagem do idioma. Portanto, é de fundamental importância trabalhar de forma integrada, e, sobretudo, de maneira coerente as aulas de gramática e leitura/ escrita, pois se torna inconcebível a utilização de uma sem os conhecimentos da outra. O texto é o condutor das análises linguísticas e, sabendo como utilizá-las, encontraremos a sua funcionalidade.

Ensino de gramática: uma área de muitos conflitos

Sabemos que o ensino de gramática constitui um dos pilares das aulas de língua portuguesa e que ao longo dos anos vem se configurando como um dos principais problemas enfrentados pelos alunos. Entretanto, percebemos o empenho de estudiosos em procurar meios que tornem o ensino de gramática mais produtivo, assim o ensino de português tem sido alvo de reflexões, debates e críticas promovendo a revisão dessa prática e fazendo emergir a proposta da prática de análise linguística. Como explica Geraldi:

O uso da expressão análise linguística não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre as questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto [...] Geraldi(1997, p. 74).

Dessa forma, a análise linguística surge como uma alternativa que vem completar as aulas de leitura, interpretação, produção de texto e reescrita, uma vez que

possibilita a reflexão sobre os aspectos gramaticais, textuais e discursivos que perpassam os usos da língua em sua amplitude.

Através da prática de análise linguística o ensino de regras gramaticais perde espaço, e o texto passa a ser o centro do ensino de língua portuguesa, levando-se em consideração que é neste que a gramática mostra sua funcionalidade. Por conseguinte:

O ensino de gramática nas escolas, especificamente o trabalho com os mecanismos relacionais, de um modo geral, ainda está muito atrelado à orientação normativo-prescritiva. O que os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) nos dizem acerca dos chamados *conteúdos gramaticais* é que, de certa forma, foram realinhados, deslocados, em termos de relevância e primazia, na nova orientação pedagógica nacional. Na verdade, as chamadas *aulas de gramática* passam a compor o conjunto de atividades de *análise e reflexão sobre a língua*, como suporte e subsídio das práticas de leitura, produção, revisão e reescrita de textos. (PEREIRA, 2011, p. 167)

Portanto, podemos inferir que o ensino da gramática de forma descontextualizada, tornou-a emblemática e de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para responder provas e para passar de ano. Neste caso, o ensino através do texto permite aos estudantes aprimorar e aumentar o vocabulário e desenvolver as habilidades de leitura, escrita e interpretação.

No entanto, ao restringir o ensino de língua apenas à Gramática Tradicional privilegia-se somente regras e nomenclaturas, em contrapartida a análise linguística aborda não só os aspectos gramaticais como também textuais, e a compreensão desses aspectos irão auxiliar nas atividades de leitura e escrita.

Sendo assim, o objetivo da escola deve ser ensinar a língua em sua totalidade, não só a Gramática Tradicional, mas atentar também para os aspectos linguísticos e textuais que levam em consideração os conteúdos escolares e o contexto sociocultural dos alunos.

Língua e gramática não são a mesma coisa

Um dos maiores motivos para o desinteresse e a dificuldade de aprendizagem dos alunos no ensino de língua portuguesa, vem da crença de que língua e gramática são equivalentes e que uma preenche totalmente a outra. Por conseguinte, Antunes (2007, p. 39) afirma que “A concepção de que língua e gramática são uma coisa só deriva do fato de, ingenuamente, se acreditar que a língua é constituída de um único componente: a gramática”.

Essa concepção é “equivocada” pelo fato de a língua constituir uma atividade interativa voltada para a comunicação social, sendo assim, requer outros componentes além da gramática, como a composição de textos, a situação de interação e o uso, ou seja, restringir o ensino da língua apenas à gramática significa limitar-se ao estudo de apenas um de seus componentes.

Partindo da concepção de que o ensino de língua possui outros componentes, coloca-se em questão a exclusividade dada à gramática tradicional nos estudos do idioma em salas de aula. Embora tenha sido, e ainda é, a base para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos por trazer conjuntos de regras para bem falar e escrever, é possível perceber que a gramática tradicional não atende de maneira significativa a construção do conhecimento de língua dos alunos.

Durante muito tempo o estudo de língua portuguesa andou na “contramão” da realidade social dos seus falantes. A restrição dos estudos de língua em gramática tradicional está sendo fundamental para a dissociação de língua e realidade social dos alunos. O fato é que se construiu ao longo dos tempos uma barreira entre o que se fala e o que se aprende em salas de aula. Uma vez que são oferecidos aos discentes, apenas o conhecimento das regras gramáticas impostas pela gramática tradicional. Logo,

[...] as práticas de linguagem a serem tomadas no espaço da escola não se restringem à palavra escrita nem se filiam apenas aos padrões socioculturais hegemônicos. Isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representem a sua realidade. (OCEM, 2006, P.28).

Sendo assim, é preciso deixar de ver a Gramática Tradicional como uma doutrina "sagrada" e "infalível" para que os estudos gramaticais possam voltar ao seu lugar de origem: o da investigação do fenômeno da linguagem e do exame das relações que as pessoas estabelecem entre si por meio do uso da língua.

No entanto, o que temos hoje é uma defasagem ao que diz respeito à língua portuguesa, falta de aplicabilidade no cotidiano dos alunos em relação aos ensinamentos da gramática normativa apresentados na sala de aula, este é um dos fatores que contribuem para o distanciamento não só da língua, mas também da escola com a sociedade. Uma vez que isso acontece, a instituição de ensino deixa de exercer seu papel principal, que é formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Ensino de língua: da teoria a prática

Sabemos que a língua não é homogênea e que se transforma na medida em que é usada pelos seus falantes, pois seu uso varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Tampouco podemos afirmar que o uso seja uniforme, porque dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Tomando por base a sociolinguística, um ramo da linguística que estuda a relação da língua com a sociedade, foi possível observar que a língua possui uma forte ligação com o fator social, uma vez que esta é o meio de comunicação de primazia entre os indivíduos de diferentes grupos sociais. Visto isso, podemos compreender a língua como não sendo apenas um instrumento de comunicação, mas sim uma forma de identidade da história cultural e social de um povo.

Dessa forma, podemos inferir que a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real e as variações linguísticas dentro de uma determinada sociedade, que circulam nesse meio social.

Ainda segundo os princípios da sociolinguística variacionista, a norma culta que é regida pela Gramática Tradicional é apenas uma das formas de uso da linguagem e esta, como vimos, possui variações. Partindo disso, desenvolvemos um trabalho com o estudo das variações linguísticas, em que através dos diversos gêneros textuais pudemos mostrar a adequação da linguagem aos vários níveis de formalidade tanto na oralidade quanto na escrita levando-se em consideração o contexto de cada gênero.

Ao trabalharmos com as variações linguísticas buscamos mostrar para os alunos as diversas facetas da nossa língua. Para tanto, foram utilizados gêneros do cotidiano dos discentes, como: charges, tirinhas, e-mail, etc. Propomos diversas atividades em que os alunos pudessem ter um maior contato com as variações linguísticas, e com isso possibilitamos que os conhecimentos adquiridos nas aulas ultrapassassem os muros escolares. Uma das atividades propostas foi a entrevista (entrando em contato com as variações linguísticas), na qual, além de possibilitar para os alunos o contato com este gênero textual, também proporcionou que os discentes percebessem o quanto a variação linguística está presente na forma de falar das pessoas e a influência que o fator social vai exercer na língua, pois eles teriam que entrevistar pessoas de diferentes idade, sexo, escolaridade, etc.

Além da entrevista foi realizada outra atividade em que os alunos teriam que adequar o nível da linguagem de acordo com a situação e o interlocutor, eles

produziram diálogos em contextos específicos, tais como: Pedir ao colega que entregue seu trabalho de português ao professor; explicar ao diretor que faltará às aulas; Justificar ao professor sua falta na aula. Com esta atividade os discentes perceberam o quanto a nossa língua é flexível e que é necessário saber usá-la em seus diversos níveis de formalidade, aplicando esse conhecimento nos gêneros orais e escritos. Os alunos passaram a entender que a variação linguística não é um erro, mas algo inerente a língua e que a norma culta constitui apenas uma das formas de uso da língua. E que esta é imprescindível para a produção de textos orais e escritos formais, pois a nossa intenção não é descartar a norma culta, mas mostrar para os discentes todas as formas de uso da linguagem, para que assim, possa usá-la de acordo com o contexto a que se propõe.

No âmbito da linguística textual o ensino de língua portuguesa passa a ter como base o texto e os recursos linguísticos e extralinguísticos utilizados em sua produção. Nesta nova perspectiva, procurou-se considerar o texto não apenas como uma sequência de frases, mas como um todo, dotado de unidade própria. Neste sentido, os estudos descontextualizados em que são privilegiados a palavra, a frase e o período, perdem mais espaço, passando a serem analisados dentro dos gêneros textuais. Dessa forma, a linguística textual fornece ao professor subsídios indispensáveis para a realização do trabalho com o texto, pois através dela é possível trabalhar a gramática de modo contextualizado evidenciando-se de que forma a seleção e combinação de palavras contribui para o sentido do texto.

Pensando nisso, privilegamos em nossas aulas o texto em seus diversos gêneros e tipologias. Em que procedíamos da seguinte forma: inicialmente levávamos os textos escritos, para que os alunos fizessem a leitura individual, em seguida fazíamos a leitura coletiva com eles. Dessa forma, os discentes teriam um primeiro contato com o texto fazendo suas próprias leituras e interpretações e levando seu conhecimento de mundo para realizar tais atividades.

Utilizávamos também a estratégia de se trabalhar com os gêneros textuais em suas modalidades orais e escritas, visto que, os alunos ao adentrarem a escola já fazem uso de gêneros diversos, mas o conhecimento técnico sobre a organização de cada texto, será aprendido na escola. Sendo assim, partimos dos gêneros mais usuais nos quais os alunos já possuíam um contato e conhecimento prévio, como o relato e a entrevista, para os gêneros mais formais predominantes no âmbito escolar, mas que são fundamentais para o desenvolvimento socio-educativo do aluno, como o artigo de opinião e o seminário.

Vale salientar, que partíamos da leitura e discussão dos textos, para que eles falassem a respeito das temáticas, bem como atentassem para as características estruturais encontradas naquele gênero. E só depois de um amplo trabalho de leitura e interpretação dos textos, que envolviam inúmeras atividades é que solicitávamos aos alunos a produção escrita. A produção textual é parte integrante e fundamental para aquisição do conhecimento de língua. Além disso, a aplicabilidade do que é absorvido nas aulas de língua portuguesa se dá, sobretudo, por meio da oralidade e da escrita.

No que diz respeito aos gêneros orais, solicitamos aos alunos que produzissem o seminário, com isto, percebemos que eles interagem com os colegas, uma vez que na abordagem do conteúdo solicitado para ser apresentado (as formas nominais dos verbos, conteúdo este que estávamos trabalhando), buscavam meios de envolver a turma, levando músicas, encenando peças, bem como, dissertando sobre o tema proposto.

Dessa forma, notamos o empenho e o dialogismo dos alunos e que mesmo fazendo uso constantemente desse gênero na escola alguns conhecimentos só foram adquiridos através da nossa intervenção, auxiliando-os na elaboração do seminário.

Sabendo que o texto é o condutor das análises linguísticas, e que, portanto é ele que irá nos indicar o que devemos trabalhar. Lançamos mão de diversos gêneros, dentre eles, charges, tirinhas, músicas, e-mail etc. Para trabalharmos, por exemplo, com a classe gramatical verbos, com os elementos da textualidade e os efeitos de sentido. Buscando mostrar aos discentes o funcionamento desses aspectos no texto e a contribuição deles para a construção de sentido.

Ao trabalharmos os verbos, levamos textos que estão inseridos no contexto social dos alunos e através disso, eles perceberam a funcionalidade dos verbos em nosso cotidiano, ou seja, os discentes compreenderam que mesmo de forma inconsciente fazemos uso de verbos o tempo todo. Em seguida, trabalhamos o conceito de verbo e sua aplicação, levando textos teóricos apenas para fixar a classe gramatical que havíamos abordado em sala. Além disso, realizamos exercícios sobre o conteúdo trabalhado que visavam principalmente à análise do sentido dos verbos, levando os alunos a refletirem sobre o uso e relevância dessa classe para a produção textual.

Posteriormente, enfatizamos o trabalho com os modos e as formas nominais dos verbos com o objetivo de que os alunos compreendessem a sua funcionalidade dentro dos gêneros textuais que circulam na sociedade. Com o intuito de tornar o estudo dos modos verbais e das formas nominais mais atrativo e dinâmico partimos da leitura

de textos do cotidiano dos alunos, como: propagandas, músicas e os gêneros humorísticos da internet.

Em uma outra etapa do trabalho com os textos, abordamos os aspectos textuais, como a coesão e a coerência. Discutimos com os alunos a importância desses elementos para que um texto tenha lógica interna e externa, trazendo a noção da coerência como sendo aquela em que a configuração conceitual é compatível com o conhecimento de mundo do receptor e a coesão conceituada como um conjunto de ligações (elementos textuais) que fazem com o texto se torne coerente. Elucidamos ainda os elementos coesivos de acordo com o sentido que transmitem, explicando e exemplificando situações em que estes podem ser utilizados. Para uma melhor compreensão do assunto como um todo (coesão e coerência) utilizamos textos de esferas de circulação diferentes como charges e propagandas, com conteúdos que estão inseridos no cotidiano dos alunos, textos estes que os auxiliaram na verificação e constatação da importância da coesão e coerência para o texto, já que a maioria dos gêneros traziam as armadilhas da ambiguidade, da redundância e do duplo sentido.

Contudo, esse trabalho com os textos só foi possível através do projeto PIBID que nos permitiu fazer a transposição entre os conteúdos estudados na Universidade para as práticas efetivas de ensino através da nossa atuação em sala de aula. Por conseguinte, percebemos que muitas vezes o licenciando sai da academia com uma defasagem em relação à aplicabilidade das teorias estudadas no âmbito acadêmico para a prática enquanto professor formado em sala de aula.

Dessa forma, o projeto vem contribuir, pois faz esta ponte entre os licenciandos e a educação básica nos permitindo obter experiências em relação aos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que com a autonomia de sermos professores atuantes temos a oportunidade de solucionar problemas, elaborar atividades de caráter inovador fazendo uso de novas metodologias, bem como, desenvolver um trabalho com os alunos partindo das teorias vistas na Universidade.

Considerações finais

Por serem os gêneros textuais textos que estão veiculados na nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos é que podemos dizer que os gêneros na realidade são fatos sociais profundamente associados à vida sócio-histórica do indivíduo. Dessa forma, procuramos trabalhar os gêneros no projeto: *“Nas Trilhas da Língua Portuguesa: o texto em foco”*, como um elemento primordial para a vida escolar do

aluno, visto que privilegia aspectos do seu cotidiano. Assim, nos detemos a princípio ao estudo dos textos como base para leitura, análise linguística e conseqüentemente produção textual como forma de instigar os alunos para a produção de gêneros do dia-a-dia. Entendemos, portanto, que o nosso trabalho foi de todo satisfatório uma vez que os alunos conseguiram interagir e progredir no processo de leitura e escrita, aperfeiçoando sua aprendizagem e conseqüentemente sua criticidade. Vale salientar, que todas as atividades antecedentes ao momento da escrita fizeram parte de um longo processo para se obter o produto final - o texto escrito.

Levando-se em consideração a proposta inicial do projeto, a vivência escolar, os resultados temporariamente obtidos, bem como, os objetivos do PIBID de fazer a transposição dos conhecimentos que adquirimos na Universidade, para a prática efetiva em sala de aula e de incentivar a formação docente. Inferimos que, o projeto foi de fundamental importância para a nossa formação, pois nos permitiu adquirir experiências, que levaremos para a nossa prática docente após concluirmos a licenciatura. Portanto, também se faz necessário a continuidade desse trabalho, partindo sempre do viés da interação e dinamização do uso da língua, em contextos reais de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretária de Educação Básica. - Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola Editorial. 2008.
- PEREIRA, Regina Celi Mendes. **Entre teorias e práticas**: o que e como ensinar nas aulas de português. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- ROJO, R. & CORDEIRO, G. S.(orgs.) **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. São Paulo, Mercado de Letras. 2004.
- SILVA, M. L. M. da. **Elomar e Zezé de Camargo e sua traduções musicais dos sertões do Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras-Subárea: língua portuguesa- orientada pela professora Dra. Darcília Simões.